

IDENTIDADE RELIGIOSA AOS SANTOS PADROEIROS NAS PARÓQUIAS DA ARQUIDIOCESE DE NATAL – RIO GRANDE DO NORTE

Anelino Francisco da Silva¹

RESUMO

Este resumo trata das festas religiosas católicas dos santos padroeiros, nas paróquias da Arquidiocese de Natal – Rio Grande do Norte, Brasil. A metodologia consiste na interpretação da espacialização das paróquias e da possibilidade que têm os católicos de manifestar sua fé e identidade religiosa por meio da procissão. Ao se apropriarem dos santos e os tornarem padroeiros, sua concepção de religiosidade exerce o poder religioso pela devoção e pela lógica sociocultural da fé cristã. As paróquias se espraiam pela Região Metropolitana de Natal e por cidades interioranas sob jurisdição da Arquidiocese de Natal, onde a Igreja Católica se faz visível por suas práticas religiosas. Elas se localizam segundo a lógica geográfica da cidade, agrupadas por zonais. Refletem as atitudes dos paroquianos em relação à missão da Igreja, tornando visível o poder da fé no santo padroeiro. As representações e o simbolismo das festas religiosas aos santos padroeiros são fenômenos transculturais e atemporais. Nesta investigação se objetivou compreender o processo sociorreligioso provocado pela adesão, comemoração e identidade aos santos padroeiros. A jurisdição eclesiástica da Arquidiocese de Natal abrange, também, as Dioceses de Caicó e Mossoró, mas a Arquidiocese tem gestão em 148 paróquias, as sedes paroquiais. A estrutura das paróquias é uma organização estabelecida pela Igreja Católica, que objetiva disseminar na cidade e no campo processos de estratégias e reforços à construção identitária à religião católica e, ainda, fortificar os territórios da Igreja pela aproximação dos fiéis.

Palavras – chaves: Festas religiosas, Santos Padroeiros, Paróquias, Arquidiocese de Natal

¹ Professor Titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.

IDENTIDADE RELIGIOSA AOS SANTOS PADROEIROS NAS PARÓQUIAS DA ARQUIDIOCESE DE NATAL – RIO GRANDE DO NORTE

INTRODUÇÃO

O objeto deste estudo é a identidade religiosa aos santos padroeiros nas paróquias da Arquidiocese de Natal. As paróquias representam “uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco, como o seu pastor próprio, sob a autoridade do bispo diocesano” (CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, Cân. 515, 2012, § 1).

Por essa diretriz, o fenômeno festas católicas, articulado nas paróquias, possibilita que os católicos percebam, a partir dos santos padroeiros, sua aproximação com o espaço sagrado, na ordem das coisas – religiosa e social – sempre como parte integrante da “vida do homem, como se fosse uma necessidade sua para entender a vida” (ROSENDAHL, 1996, p. 11). Compete à Igreja anunciar sempre os lugares sagrados, destinados ao culto divino ou à sepultura dos fiéis, mediante dedicação ou benção, o que é prescrito pelos livros litúrgicos (CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, 2012, Cân. 1205, p. 302).

Quando o imperador romano Diocleciano (284 a 305 d.C) dividiu o império dele em províncias administrativas, que ele chamou de Dioceses, em cada uma ele colocou um vigário, que governaria a província em nome do imperador. Quando o império romano caiu, a Igreja assumiu também esta divisão. E o que era chamado de Diocese, passou a ser a jurisdição de um bispo.

Com o Concílio Vaticano II, o conceito de Diocese evoluiu para "porção do povo de Deus para o pastoreio de um Bispo". Com o crescimento da Igreja e também o crescimento territorial, as dioceses foram se dividindo e formando novas dioceses. Em meio delas, aquelas com maior antiguidade e preeminência, foram chamadas de Arquidioceses (arqui em grego significa primeiro).

A Arquidiocese funciona como uma diocese, entretanto, a Arquidiocese é a província eclesiástica que abrange todas as Dioceses, entidades que tem no território religioso, apropriado pela Igreja Católica, em sua jurisprudência. Ela é governada e

presidida pelo Arcebispo – bispo que possui a missão de ser chefe espiritual e de jurisdição da Arquidiocese.

A província eclesiástica é determinada por território e, no caso o Rio Grande do Norte, nele encontra-se a Arquidiocese de Natal e as dioceses de Caicó e de Mossoró, que têm sob sua jurisdição as paróquias. Assim, a província eclesiástica pode ser compreendida a partir da organização espacial e da hierárquica que é representada pela Arquidiocese.

A jurisdição eclesiástica da Arquidiocese de Natal tem sob sua gestão 148 paróquias, com certa centralidade a atuarem nas sedes paroquiais, prestando serviços religiosos de evangelização, que também ocorrem nas capelas e pastorais. É nas paróquias onde ocorrem às festas aos santos padroeiros, eventos que congregam os católicos e propiciam efetiva identidade.

ORGANIZAÇÃO DA ARQUIDIOCESE DE NATAL

A ação da Arquidiocese se dá, regionalmente, no vicariato norte, composto de três zonais: O zonal V se sustenta através das paróquias de Senhora Sant'Ana (em Santana dos Matos e Bodó), Nossa Senhora da Conceição (Lajes), São Paulo Apóstolo (Pedro Avelino), São José (Angicos), Nossa Senhora das Graças (Afonso Bezerra) e Nossa Senhora da Conceição (das cidades de São Rafael e Itajá).

Na circunscrição do zonal VI estão às paróquias de Nossa Senhora da Conceição (cidade de Macau), São João Batista (Pendências), São José Operário (Jandaíra), Nossa Senhora de Lourdes (Ipanguaçu), Nossa Senhora do Rosário (Alto do Rodrigues) e a Pastoral de Nossa Senhora da Conceição (Guamaré).

Já o zonal VII é constituído pelas paróquias de Bom Jesus dos Navegantes (de Touros), Nossa Senhora Mãe dos Homens (de João Câmara), Santo Antão Abade (de São Bento do Norte) e São Miguel (de São Miguel do Gostoso). A crença estabelece uma resistência religiosa que se organiza pela prática. “O povo, como participante, produz e reproduz um campo religioso no qual os símbolos e lutas seculares são recobertos com os nomes sagrados” (ROSENDHAL, 1996, p. 73).

As festas católicas se realizam em todas as paróquias dos zonais referidos, sob jurisdição da Arquidiocese de Natal. Estreitando-se atitudes para com o sagrado e para com o profano numa relação de complementaridade.

EXPRESSÃO RELIGIOSA DAS FESTAS DOS SANTOS PADROEIROS

A cadeia que constitui a significação das festas religiosas é constituída por um conjunto de imagens, que confundem e fundem os sentidos. Por isso as festas dos santos padroeiros cimentam o imaginário dos católicos, que resgata por meio das novenas, da procissão, a tradição católica de homenagear os santos, zelando pelo aprimoramento da cultura religiosa.

As festas religiosas católicas, difundidas pelo Rio Grande do Norte, estão em constante mutação; abertas às influências, às novas mídias e à fragmentação diante de novos contextos que impulsionam o recriar e o reinventar dessas festas.

As festas aos santos em suas comemorações anuais atraem católicos das cidades e de diferentes localidades, para homenagear e rende-lhes gratidões. As comemorações aos santos em sua diversidade de rituais sagrados acontecem porque, a cada tempo litúrgico, demarcado pela Igreja, predominam símbolos e ações próprias que evocam realidades significantes.

Enquanto prática sociorreligiosa que exerce forte influência no cotidiano dos paroquianos, as festas são indutoras de atividades e chamamentos que objetivam inserir os católicos a participarem das ações religiosas impetradas pela Igreja, através de estratégias de ordem religiosa e cultural.

O fato religioso possui característica peculiar: a sacralização de indivíduos, de coisas, de objetos, enfim, de simbologias que ganham conteúdo e forma em um determinado espaço. Este último chamado de espaço de representação do sagrado (CHARTIER, 1985). As paróquias representam “uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco, como o seu pastor próprio, sob a autoridade do bispo diocesano”. (CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, 2012, Cân. 515, §1).

O fenômeno festas religiosas (OLIVEIRA, 2011), articulados nas paróquias possibilitam que os católicos percebam a espacialização a partir dos santos padroeiros e da percepção de vivenciar o espaço sagrado, na ordem das coisas – religiosa e espacial – sempre como parte integrada da “vida do homem, como se fosse uma necessidade sua para entender a vida” (ROSENDAHL, 1996, p. 11).

Para Zeny Rosendahl (1996, p. 28): “O homem tem necessidade de orientação, da ordem, do cosmo e, sendo assim, é fácil compreender que o ser religioso deseje profundamente participar da realidade do existir num sagrado”. Para a autora, “o poder é um atributo do sagrado e no discurso religioso significa força compulsiva e imprevisível” (ROSENDAHL, 1996, p. 28).

Segundo Zeny Rosendahl (1996, p. 28): “A palavra sagrado tem o sentido de separação e definição, em manter separadas as experiências sagradas das profanas”. Tuan (1979) e Rosendahl (1996, p. 29) compreendem que o conceito de sagrado é ambíguo e que “o sagrado é uma onda mansa de vida, induzindo no devoto um sentimento de serenidade e bem-estar”. Compreendemos ser o espaço sagrado e o espaço profano vinculado a espaço social, daí a “ordenação do espaço requer sua distribuição entre sagrado e profano: é o sagrado que delimita e possibilita o profano” (ROSENDAHL, 1996, p. 32).

A igreja em sua identidade histórica e cultural, “como a comunidade dos que acolhem na fé de Jesus Cristo por força do Espírito”, que proclamam e celebram nos sacramentos e vive em comunhão com ministros ordenados (MIRANDA, 2009, p. 6), ela precisa se flexibilizar à pluralidade no mundo contemporâneo, pois sua missão final é ser “sinal salvífico para a sociedade na qual se insere, ela deve não só fazer uso da linguagem do contexto, mas também de sua organização social” (MIRANDA, 2009, p. 6).

Precisa dialogar com a sociedade e se atualizar, desse modo se aproximar do povo católico, ir aos lugares e compreender a cultura dos paroquianos, para que possa inserir, efetivamente, a cultura religiosa e encontrar elo e eco.

Os santos padroeiros são apropriados pelos paroquianos, a partir das concepções de religião, religiosidade e dimensão de sua fé, o que caracteriza o poder simbólico e irradiado pela devoção aos santos, estabelecendo uma lógica cultural da fé cristã. Analisando como se distribuem as paróquias da Arquidiocese de Natal, – elas se localizam segundo a lógica geográfica da cidade, porém agrupadas por zonais.

Em tese as festas aos santos se dão a um tempo, em que os paroquianos batizados se congregam na comunidade local e com outras cidades circunvizinhas, não apenas para realizar o novenário e procissão, também para promover a participação da festa profana local.

Tem este ato uma significação e representação espacial – perpetuar, fixar, reativar as esperanças e estabelecer sintonia com a Igreja de Deus e o entrelaçamento aos demais cristãos. Cria-se assim uma centralidade religiosa e profana (OTTO, 1991) à celebração anual das festas no território religioso.

O espaço de proximidade dos católicos e suas práticas, a paróquia, representa a “organização da vida social e íntima dos habitantes, na marca do tempo cotidiano (...)” (LECOQUIERRE; STECK, 1995, p. 63) dos católicos, residentes nela, ou seja, os paroquianos. Ela é configurada como o ponto de contato dos católicos, para organizar as práticas e eventos sociorreligiosos, como a festa do padroeiro.

Desse modo, as festas aos santos padroeiros são práticas sociorreligiosas que exercem forte influência no cotidiano dos paroquianos. São eles os indutores da ação religiosa que objetiva estimular os cristãos católicos a participarem das ações religiosas impetradas pela Igreja, através de estratégia de ordem religiosa e cultural.

O fato religioso possui característica peculiar: a sacralização de indivíduos, de coisas, de objetos, enfim, de simbologias que ganham conteúdo e forma em um determinado espaço, este último chamado de espaço de representação do sagrado. As festas possibilitam que os católicos percebam o espraiamento religioso, a partir dos santos padroeiros e da percepção de vivenciar o espaço sagrado, na ordem das coisas

– religiosa e social – sempre como parte integrante da vida do homem, como se fosse uma necessidade sua para entender a vida (ROSENDAHL; CORRÊA, 2003).

Para Rosendahl (1996, p. 28): “O homem tem necessidade de orientação, da ordem, do cosmo e, sendo assim, é fácil compreender que o ser religioso deseje profundamente participar da realidade do existir num sagrado”. Para a autora, “o poder é um atributo do sagrado e no discurso religioso significa força compulsiva e imprevisível” (ROSENDAHL, 1996, p. 28).

COMUNHÃO DE CULTURA DA FE E DE IDENTIDADE

Os santos padroeiros são apropriados pelos paroquianos, em suas concepções de religiosidade católica e pela dimensão de sua fé que caracteriza o poder imagético, irradiado pela devoção aos santos, estabelecendo uma lógica cultural da fé cristã.

Esse ato tem representação (CHARTIER, 1985) e significação especial – perpetuar, reativar as esperanças e conceber sintonia com a Igreja de Deus e o entrelaçamento aos demais cristãos. Cria-se assim uma centralidade religiosa e profana à celebração anual das festas aos santos padroeiros.

A complexidade da cultura no Brasil reflete alto nível de sacralidade nas práticas de rezas, promessas e romarias. No dizer de Rosendahl (1996, p. 71), “estas práticas tomam a forma simbólico-religiosa centrada nos santos”.

A relevância da evangelização se apoia no diálogo cultural religioso da fé, ou seja, da cristalização do elo religioso, que os católicos viabilizam através das festas aos santos padroeiros, nas paróquias onde concretiza a territorialização da Igreja Católica, no Rio Grande do Norte.

Atrela-se a fé cristã, que numa ação sociocultural-religiosa engendra e visibiliza o fato religioso, como representação e com significado. Trata-se de uma lógica própria de difundir os valores que a cultura religiosa das procissões dos santos padroeiros arquiteta e faz aparecer a identidade religiosa dos católicos.

A fé nessa contemporaneidade – século XXI – é incorporada como “o ato do intelecto que assente à verdade divina, por intermédio da vontade, movida pela graça

de Deus” (AQUINO, 1980, p. 2055) que é uma aceitação pelos católicos, ou seja, é significante e posta de significado.

A atualidade passa por grande mutação cultural o que explica as atuais transformações, daí Joana Puntel (2005) “[...] admitir que existe uma mudança de época [...]. Vivemos uma época da história com sinais evidentes de transição. Em tais momentos, o ser humano passa sempre por uma sensação de vazio, de falta de senso e de normas, de incertezas e de crises permanentes [...]” (PUNTEL, 2005, p. 85-86) .

É preciso ver traços que sobressaem na mudança de época. As transformações sociais e culturais agitam o mundo atual. Pois, vivemos forte transformações de época, cujo nível mais profundo é o cultural. O pluralismo cultural e religioso da sociedade atual repercute fortemente na Igreja. Contudo, historicamente, os católicos têm convicção de que a sua cultura religiosa é sustentada pela sua fé, daí, porque a consciência dessas pessoas trabalhar pela busca do diálogo entre fé e cultura.

Ora, assim as relações que se estabelecem entre os cristãos católicos e os santos, nas terras potiguares, proclamam reconhecer nas procissões a forma justa da fé e da cultura religiosa, que, se fundamenta e estrutura em não perder o sentido de Deus, porque perdendo-o “tende-se a perder também o sentido do homem, da sua dignidade e da sua vida” (JOÃO PAULO II, 1995). Portanto, os valores culturais herdados direcionam o fazer e realizar atos que modelem o processo sociocultural religioso.

É nessa contextualidade sociocultural-religiosa que se faz e se dignifica o patrimônio cultural das procissões. Ao se pontuar a espacialidade das paróquias da Arquidiocese Eclesiástica de Natal é necessário recolocar o diálogo da fé e da cultura religiosa, que são interativos e capazes de produzir um fato, ressignificado. Este é compreendido como uma conjugação à tradição, que implica adesão a “Palavra de Deus”.

A leitura perceptível de como os católicos do Rio Grande do Norte habilita sua crença, pode ser expressa pela dinâmica peculiar das festas ligadas a Igreja que, se realizam nas cidades interioranas. Faz sobressair e tendem a caracterizar a importância das paróquias, no contexto da cultura religiosa e no trabalho da Igreja missionária.

Nesse propósito a estrutura de gestão e organização espacial da Arquidiocese é legitimada pelas paróquias cognominadas, culturalmente, pelos nomes dos santos

padroeiros. Por essa lógica as ações e práticas realizadas na Arquidiocese de Natal se territorializam numa dimensão espacial.

A fé religiosa, ainda, indutora de devoção popular faz o elo do passado com o presente, enquanto suporte da crença e da tradição religiosa. Nesse contexto a festa representa o elo de sua comunidade para com a paróquia, deste modo aprofunda os laços de identidade sociorreligioso com o padroeiro da cidade. Assim, as experiências do sagrado se renovam e se elastecem na busca da primazia da Igreja de se ressignificar para atender os católicos, fiéis de sua crença.

Entende Ione Rodrigues Diniz (2004) ser a festa não apenas materializações, é essencialmente subjetivação, abrangendo o espírito e o corpo de quem dela participa. Decerto, enquanto evento sociorreligioso, ela é atrativa e mobilizadora de uma identidade religiosa.

CONSIDERAÇÕES

As paróquias exercem as funções de espacializar e conduzir o crédito da fé, no território da Arquidiocese de Natal, segundo os princípios da Igreja Católica, atuando junto aos católicos praticantes e não praticantes. São pelas ações paroquiais que se apreendem o diálogo e as práticas, que tende a ressignificar da Igreja, enquanto Instituição.

As festas religiosas aos santos padroeiros que ocorrem nos territórios paroquiais de jurisdição da Arquidiocese de Natal, Rio Grande do Norte, formalizam espacialmente, uma das estratégias sociorreligiosa, importante no conjunto das ações da Igreja Local. Assim definem e reforçam o ato de devoção e crença dos paroquianos aos santos católicos.

As comemorações aos santos padroeiros são uma prática sociorreligiosa que exerce forte influência no cotidiano vivido dos paroquianos. Ela retrata o significado e a representação que tem as festas católicas e, por consequência, o lado profano que, conjuntamente ao sagrado, praticado ao longo da história cultural da igreja, tem estabelecido à prática um contínuo diálogo da igreja local com o povo de Deus.

O que tem sido observado nas paróquias, objeto de investigação, é que as festas religiosas, realizadas anualmente, se impõe como instrumento capaz de construir identidade religiosa.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Magna Rafaela Gomes. Os relatos da Tribuna do Norte e suas implicações na edificação de uma memória festiva. **ANPUH**, 2013.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Constituição apostólica de promulgação do código canônico. 12 ed São Paulo: Edições Loyola, 2012.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1985.

GIL FILHO, Sylvio F. Espaço de representação e territorialidade do sagrado. Notas para uma teoria do fato religioso. **Ra'ega**, n.3, p.91-120, Curitiba, 1999

____. **Espaço sagrado**: estudos em Geografia da Religião. Curitiba: Editora IBPEX, 2008.

LECOQUIERRE, Bruno; STECK, Benjamin. Pays émergents, paroissesrecomposées: repenserledécoupage duterritoire. **GéographieetCultures**, n. 30, Paris, 1999.

MIRANDA, Mário de F. **Igreja e sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2009.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. Cenários de resistências: matrizes simbólicas. In: **Seridó norte –rio – grandense: uma geografia da resistência**. Natal/2004. p. 351– 378.

OLIVEIRA, Christian D. M. Festas religiosas, santuários naturais e vetores de lugares simbólicos. **Revista ANPEGE**, v. 7, n.8, p. 93-106, ago./dez., 2011.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1991.

PEREZ, Léa. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (org). **A festa na vida**: significado e imagem. Petrópolis: Vozes, 2001.

ROSENDAHL, Zeny. O Sagrado e o Espaço. In.: CASTRO, Iná; GOMES, Paulo C. C.; ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UDRJ, NEPEC, 1996. 89 p.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. A Territorialidade da Igreja Católica no Brasil – 1800 e 1930. **Textos NEPEC**, n. 1, Rio de Janeiro, 2003.